



Pesquisa Anual de Comércio 2018

PAC

ISSN 0104-1614
© IBGE, 2020

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE realiza, desde 1996, a Pesquisa Anual de Comércio - PAC¹, que retrata as características estruturais do segmento empresarial da atividade de comércio no País. Essas informações são indispensáveis para a análise e o planejamento econômico das empresas do setor privado e dos diferentes níveis de governo.

A análise estrutural do setor comercial se reveste de especial importância dado o seu potencial de geração de empregos e renda, além de sua interação com as demais atividades econômicas. A atividade comercial exerce relevante função de intermediação na economia entre provedores e consumidores de bens, facilitando, assim, as transações econômicas. Em termos gerais, o setor normalmente é associado a características como: reduzidas barreiras à entrada e saída do mercado; menor concentração de mercado com baixa produtividade; alta rotatividade no mercado de trabalho; e forte dependência das condições favoráveis de demanda (interna e externa).

Neste informativo, são apresentados os principais resultados das empresas comerciais brasileiras em 2018², cujas atividades se dividem em três segmentos distintos: comércio de veículos, peças e motocicletas; comércio por atacado; e comércio varejista. Além desta introdução, contendo a síntese dos principais resultados da pesquisa, as quatro seções seguintes apresentam, respectivamente: a caracterização do faturamento das empresas; a estrutura da margem de comercialização; a concentração no segmento empresarial; e o perfil do emprego nas empresas comerciais no País. A última seção contém um detalhamento dos resultados tanto a nível de Grandes Regiões quanto de suas respectivas Unidades da Federação. A fim de identificar mudanças estruturais, prioriza-se a comparação entre os resultados dos dois pontos extremos de uma série de 10 anos: 2018 e 2009

A PAC 2018 estimou que a atividade comercial obteve R\$ 3,7 trilhões de receita operacional líquida e R\$ 613,5 bilhões de valor

adicionado bruto. O setor ocupou cerca de 10,2 milhões de pessoas, que pagaram R\$ 237,4 bilhões em salários, retiradas e outras remunerações. Esses valores foram gerados por 1,5 milhão de empresas, englobando um total de 1,7 milhão de unidades locais³ comerciais.

Empresas comerciais



Pessoas ocupadas

10,2
milhões

Receita operacional líquida

R\$ 3,7
trilhões



Salários, retiradas e outras remunerações

R\$ 237,4
bilhões



Valor adicionado bruto

R\$ 613,5
bilhões



Número de empresas

1,5
milhão



Número de unidades locais

1,7
milhão

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Comércio 2018.

Você sabia que a diferença entre atacado e varejo NÃO tem relação com a quantidade nem com o valor da venda?

Varejo: mercadoria vendida destinada ao consumidor final, para uso pessoal ou doméstico; e

Atacado: mercadoria vendida destinada ao consumidor intermediário, para uso profissional. São consideradas atacadistas empresas cujas vendas destinam-se principalmente a outros estabelecimentos, como, por exemplo, outras empresas e órgãos da administração pública.



¹ Por decisão editorial, a partir de 2017 a publicação passou a ser divulgada em duas partes: a primeira corresponde a este informativo, que destaca os principais resultados da pesquisa, e a segunda é constituída por Notas técnicas, entre outros elementos textuais, apresentando considerações de natureza metodológica sobre a pesquisa. As tabelas de resultados, as notas técnicas e demais informações sobre a PAC encontram-se disponíveis no portal do IBGE na Internet, no endereço <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/comercio/9075-pesquisa-anual-de-comercio.html?edicao=24900&t=sobre>>.

² Os dados divulgados são referentes ao ano de 2018, tendo sido coletados em 2019 e divulgados em 2020.

³ A unidade local é definida como o espaço físico, geralmente uma área contínua, onde uma ou mais atividades econômicas são desenvolvidas, correspondendo a um endereço de atuação da empresa.

Caracterização do faturamento das empresas comerciais

Em 2018, as empresas comerciais obtiveram uma receita bruta de R\$ 4,1 trilhões. Desse total, R\$ 370,6 bilhões foram gerados pelo comércio de veículos, peças e motocicletas; R\$ 1,9 trilhão, pelo comércio por atacado; e R\$ 1,9 trilhão, pelo comércio varejista.

Sobre o faturamento das empresas comerciais, incorreram deduções que incluem vendas canceladas, abatimentos, descontos, impostos sobre vendas e outros impostos e contribuições. Essas variáveis, em 2018, somaram R\$ 420,3 bilhões. Nesse mesmo ano, as empresas comerciais registraram, aproximadamente, R\$ 3,7 trilhões de receita operacional líquida, definida como a diferença entre a receita bruta e as deduções. O comércio varejista e o atacadista foram responsáveis por 45,8% e por 44,9% desse total, respectivamente. Os 9,3% restantes foram auferidos pelo comércio de veículos, peças e motocicletas, segmento que perdeu 5,9 pontos percentuais (p.p.) de participação em relação a 2009. Em contrapartida, o varejo e o atacado ganharam representatividade no mesmo período, com aumentos de 4,4 p.p. e de 1,5 p.p., respectivamente.

Setorialmente, a atividade comercial pode ser desagregada em 22 subgrupos, sendo três deles pertencentes ao segmento de comércio de veículos, peças e motocicletas; 10, ao de comércio por atacado; e nove, ao de comércio varejista.

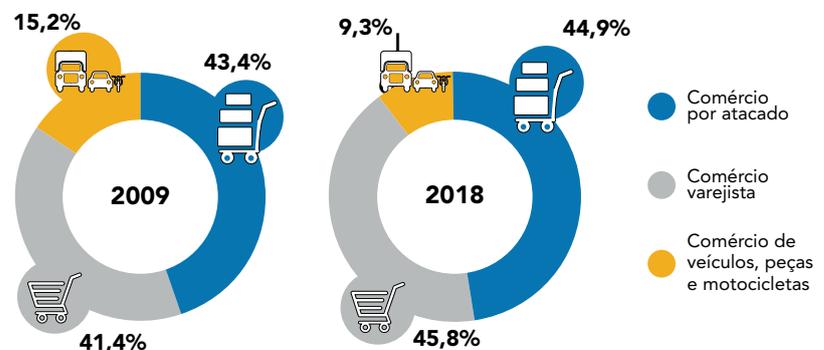
Entre as atividades com maiores ganhos de participação, destaca-se o segmento de hipermercados e supermercados (2,7 p.p a mais em relação a 2009). Esse setor também respondeu pela maior fatia da receita operacional líquida em 2018 (13,2%), deslocando o segmento de comércio por atacado de combustíveis e lubrificantes para a segunda posição no ranking de receita líquida. Em 2009, este último detinha a maior participação (11,6%), contra 11,5%, em 2018. As outras atividades que mais elevaram sua representatividade, nos últimos 10 anos, foram: o comércio

por atacado de matérias-primas agrícolas e animais vivos, cuja participação cresceu 1,5 p.p.; e o comércio varejista de produtos alimentícios, bebidas e fumo, com 1,0 p.p. de variação positiva.

A contrapartida a esses aumentos de participação concentrou-se na queda apresentada pelo comércio de veículos automotores. O setor ocupava a segunda

posição no ranking de receita líquida, em 2009, com 10,8% do total, tendo perdido 4,8 p.p. de participação e caído para a sexta posição em 2018. Os outros setores com as maiores perdas de representatividade no período foram o comércio de peças para veículos (-0,6 p.p.) e o comércio varejista de material de construção (-0,5 p.p.).

Participação dos setores do comércio na receita operacional líquida



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Comércio 2009/2018.

Principais variações da receita operacional líquida nas atividades comerciais (%)

	2009	2018	Varição
Hipermercados e supermercados	10,5	13,2	↑ 2,7
Comércio por atacado de matérias-primas agrícolas e animais vivos	2,8	4,3	↑ 1,5
Comércio varejista de produtos alimentícios, bebidas, fumo e minimercados	3,1	4,1	↑ 1,0
Comércio de veículos automotores	10,8	6,0	↓ 4,8
Comércio de peças para veículos	3,4	2,8	↓ 0,6
Comércio varejista de material de construção	3,8	3,3	↓ 0,5

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Comércio 2009/2018.

Estrutura da margem de comercialização das empresas comerciais

A margem de comercialização é definida como a diferença entre a receita líquida de revenda – parcela da receita operacional líquida advinda da revenda de mercadorias – e o custo das mercadorias revendidas. Em 2018, a margem de comercialização totalizou R\$ 817,5 bilhões, sendo o comércio de veículos, peças e motocicletas responsável por 7,4%; o comércio atacadista, por 36,5%; e o comércio varejista, por 56,1% desse valor.

A divisão da margem de comercialização pelo custo das mercadorias revendidas resulta no indicador denominado taxa de margem de comercialização, que mede o quanto, em termos relativos, determinado setor é capaz de elevar sua receita de revenda acima dos custos com aquisição de mercadorias para revenda e da variação de estoques. Entre 2009 e 2018, houve um aumento desse indicador no comércio varejista, que passou de 35,5% para 37,6%, e no comércio de veículos, peças e motocicletas, que cresceu de 18,2% para 22,4%. O comércio por atacado permaneceu com a taxa de margem praticamente constante no período, apresentando um valor de 23,0%, em 2018, e de 23,3% em 2009.

Entre as 22 atividades que compõem o comércio, aquela com a maior taxa de margem, em 2018, foi o comércio varejista de tecidos, vestuário, calçados e armário (86,0%), seguido pelo comércio varejista de artigos culturais, recreativos e esportivos (65,1%) e pelo comércio varejista de informática, comunicação e artigos de uso doméstico (55,4%). Dentre as atividades com menor taxa de margem, destacam-se o comércio de veículos automotores, que registrou um valor de 13,6% em 2018, e os comércios de combustíveis e lubrificantes por atacado e no varejo, cujas taxas foram, respectivamente, de 6,9% e de 14,4% no mesmo ano.

O comércio varejista de tecidos, vestuário, calçados e armário, que já era a atividade com maior taxa de margem em 2009, apresentou o maior crescimento

desse indicador nos últimos 10 anos (13,8 p.p.). Por outro lado, o comércio por atacado de combustíveis e lubrificantes permaneceu na última posição do ranking entre 2009 – ano em que registrou uma taxa de 10,1% – e 2018, sendo a atividade cuja taxa de margem mais se reduziu (-3,2 p.p.) nesse período. Destacam-se também, entre as maiores variações no índice, o comércio

varejista de informática, comunicação e artigos de uso doméstico – que passou a ser a terceira atividade com maior taxa de margem, com uma ampliação de 7,8 p.p. no período – e o comércio por atacado de madeira, ferragens, ferramentas, materiais elétricos e material de construção, que apresentou 9,2 p.p. de aumento nesse indicador no período de 10 anos.

O que é a taxa de margem de comercialização?

É definida pela razão entre a margem de comercialização e o custo das mercadorias revendidas. Ela representa o retorno do esforço de vendas de mercadorias, depois de descontado o custo com a venda de seus produtos.



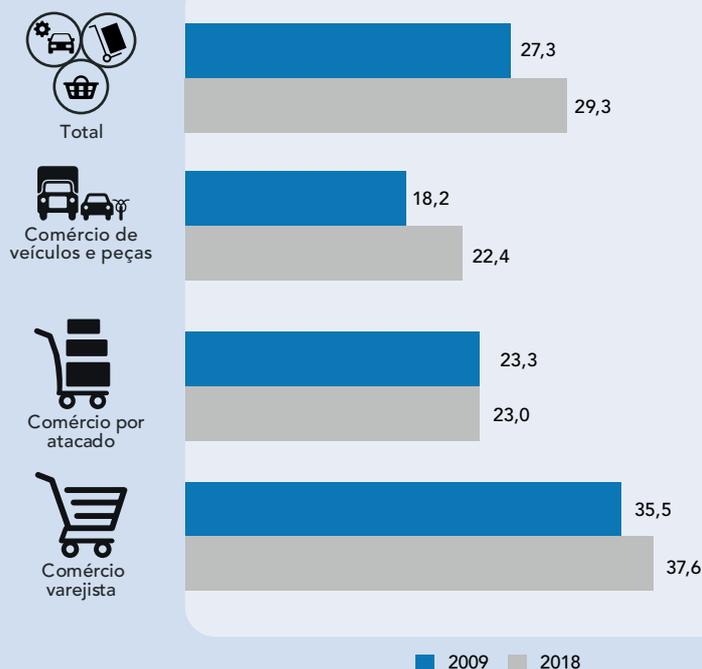
Margem de comercialização

Corresponde à diferença entre a receita líquida de revenda e os custos das mercadorias revendidas.

Custo de mercadorias revendidas

É o valor contábil das mercadorias adquiridas para revenda. É calculado a partir da soma do valor das compras de mercadorias para revenda mais a variação de estoques dessas mercadorias.

Taxa de margem dos segmentos comerciais (%)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Comércio 2009/2018.

Concentração no segmento empresarial de comércio

O grau de concentração nos setores comerciais pode ser medido, utilizando-se a “razão de concentração de ordem 8” (R8), que calcula a fração da receita líquida de revenda do setor apropriada pelas suas oito maiores empresas. Quanto maior o R8 mensurado, mais concentrada é a atividade econômica. Considerando a totalidade das empresas comerciais, esse indicador foi de 10,0% em 2018, permanecendo praticamente inalterado em relação a 2009.

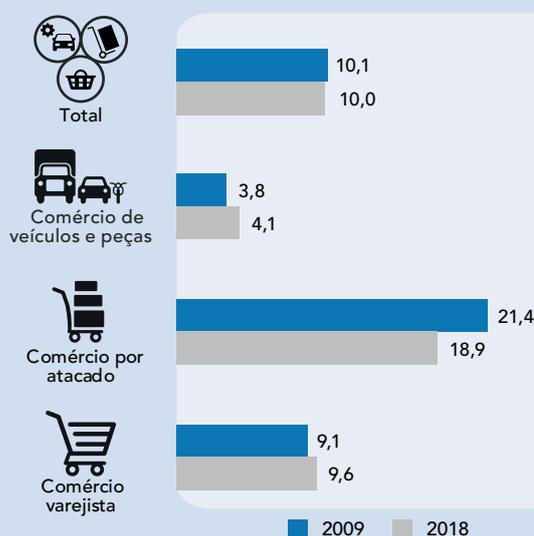
No segmento de comércio de veículos, peças e motocicletas, observou-se um pequeno aumento no grau de concentração do período, de 3,8%, em 2009, para 4,1%, em 2018, embora ainda permaneça relativamente baixo. Entre as três atividades desse segmento, o comércio de peças para veículos mostrou-se o mais concentrado, em 2018, com R8 de 9,1%, seguido pelo comércio de motocicletas, peças e acessórios (7,7%) e o comércio de veículos automotores (5,8%). Essas atividades aumentaram levemente a concentração nos últimos 10 anos.

O comércio varejista teve um aumento no R8 de ordem semelhante ao comércio de veículos, peças e motocicletas, possuindo, entretanto, um grau de concentração um pouco mais elevado: o setor registrou um índice de 9,6% em 2018, tendo crescido apenas 0,5 p.p. em relação a 2009. Apesar de o varejo como um todo ser relativamente pouco concentrado, algumas de suas atividades têm um grau de concentração maior, como o comércio varejista de informática, comunicação e artigos de uso doméstico (39,3%) e o grupo de atividades que compreende o comércio varejista de produtos farmacêuticos, perfumaria, cosméticos e artigos médicos, ópticos e ortopédicos (26,4%).

O comércio por atacado, que, historicamente, é mais concentrado que os demais segmentos, foi o único a apresentar uma tendência de queda em sua concentração. Em 2018, as oito maiores empresas

comerciais foram responsáveis por 18,9% da receita líquida de revenda desse setor, tendo esse valor se reduzido em 2,5 p.p., quando comparado com 2009. O segmento apresentou as atividades com os maiores índices de concentração entre as analisadas pela pesquisa, com destaque para o comércio por atacado de combustíveis e lubrificantes (64,5%), o comércio por atacado de mercadorias em geral (33,4%) – que inclui empresas atacadistas não especializadas na revenda de nenhum produto em particular – e o comércio por atacado de matérias-primas agrícolas e animais vivos (30,6%).

Razão de concentração de ordem 8 das empresas comerciais (%)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Comércio 2009/2018.

O perfil do emprego nas empresas comerciais

A caracterização do emprego nas empresas comerciais permite assimilar particularidades dessa atividade, marcada, sobretudo, por um contingente expressivo de pessoas ocupadas, relativamente a outros setores. Em 2018, a atividade comercial foi responsável por empregar 10,2 milhões de pessoas. Distribuindo-se entre os seus três grandes segmentos, a PAC revela a seguinte composição: 8,9% no comércio de veículos, peças e motocicletas; 16,6% no comércio por atacado; e 74,5% no comércio varejista.

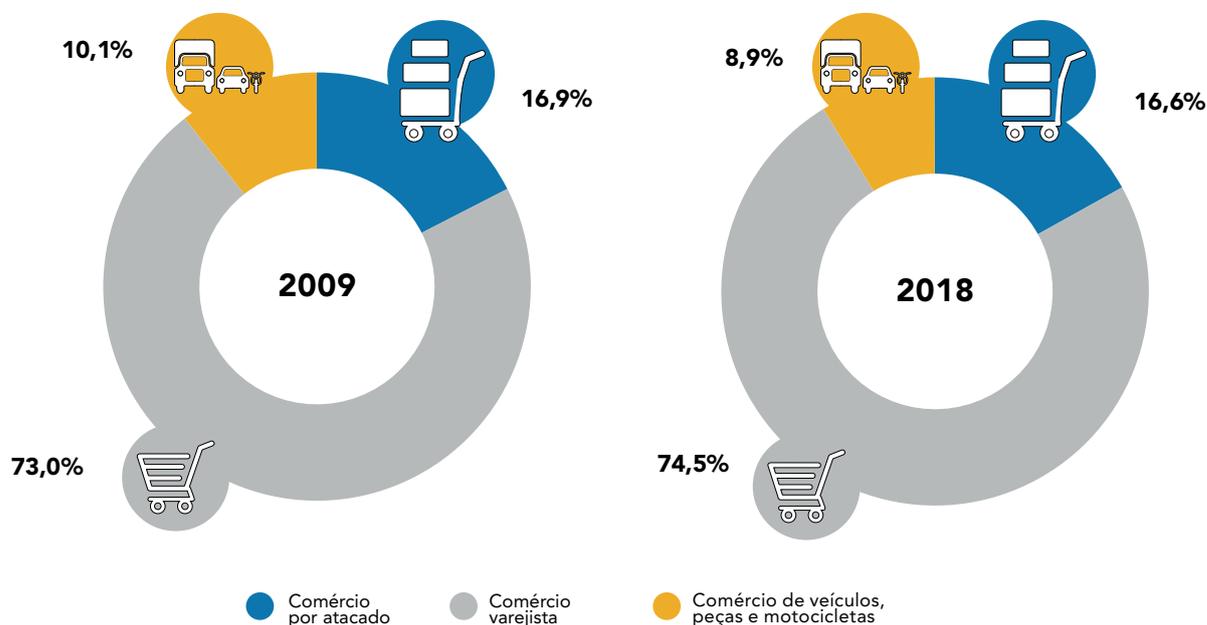
O comércio de veículos, peças e motocicletas recuou 1,2 p.p. em sua participação em todo o emprego gerado no comércio entre 2009 e 2018. O agrupamento de comércio de peças para veículos destacou-se por absorver 62,3% do pessoal ocupado desse segmento, avançando 2,3 p.p. em 10 anos.

O setor atacadista, por sua vez, reduziu a sua participação no total do comércio em 0,3 p.p., entre 2009 e 2018, reflexo da queda de 0,5 p.p. na atividade de comércio por atacado de produtos alimentícios,

bebidas e fumo, maior empregadora do atacado, correspondendo a 23,4% do emprego do setor em 2018. Por outro lado, o agrupamento correspondente ao comércio por atacado de matérias-primas agrícolas e animais vivos foi o que mais cresceu no período, com aumento de 1,4 p.p. na participação no emprego do atacado.

Finalmente, o avanço em 1,5 p.p. do setor varejista consolidou essa atividade como a maior empregadora do comércio, constituindo-se, ainda, no único dos três segmentos a avançar entre 2009 e 2018. Uma marca do varejo é sua expressiva dependência do consumo privado, especialmente das famílias. Nesse contexto, pode-se destacar o avanço de 3,2 p.p. de hipermercados e supermercados, passando de terceiro para primeiro lugar no ranking de participação no emprego entre 2009 e 2018. Esse segmento inverteu posição com o comércio varejista de tecidos, vestuário, calçados e armarinho, que representou 15,9% e sofreu retração de 2,4 p.p. no período de 10 anos.

Participação das pessoas ocupadas nos setores do comércio



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Comércio 2009/2018.

Além da composição do emprego, o perfil das empresas comerciais pode ser complementado pela análise do porte médio, bem como dos salários médios pagos em cada atividade correspondente. Definindo o porte médio das empresas como o número médio de pessoas ocupadas em cada empresa, verifica-se que a atividade comercial mantém sua estabilidade, empregando, em média, 7 pessoas por empresa, ante uma média de 6 pessoas em 2009. Essa estabilidade é replicada, inclusive, dentro dos segmentos. Entre os seus agrupamentos, entretanto, a PAC revela grande heterogeneidade em termos de porte médio.

Os hipermercados e supermercados, por exemplo, incrementaram sua ocupação média de 82 para 99 pessoas por empresa nos últimos 10 anos, tendo sido a única atividade a aumentar significativamente o tamanho médio de suas empresas no período.

As maiores reduções, por sua vez, ocorreram no comércio atacadista: as empresas que representam o comércio por atacado

de máquinas, aparelhos e equipamentos, inclusive TI (Tecnologia da Informação) e comunicação, reduziram seu porte médio em 3 pessoas por empresa, enquanto aquelas do comércio por atacado de mercadorias em geral⁴ encolheram em 11 pessoas por empresa.

Outro indicador relevante é o salário médio mensal, calculado em termos de salários mínimos (s.m.) vigentes em cada ano. Em 2018, as empresas comerciais pagaram, em média, 1,9 s.m., indicando certa estabilidade em relação a 2009 (1,8 s.m.), embora tenha havido variações substanciais quando analisados os diversos grupos de atividades.

No comércio de veículos, peças e motocicletas, pagou-se, em média, 2,0 s.m., o que demonstra relativa estabilidade na comparação com 2009 (2,1 s.m.). Destacou-se a redução na remuneração média mensal no segmento do comércio de veículos automotores, que passou de 3,2 s.m., em 2009, para 2,8 s.m. em 2018.

No setor comercial atacadista, por sua vez, o salário médio mensal foi de 2,8 s.m.,

em 2018, também demonstrando certa estabilidade em relação a 2009 (2,9 s.m.). As maiores reduções nesse período ocorreram nas seguintes atividades: comércio por atacado de combustíveis e lubrificantes, que passou de 7,5 s.m. para 5,8 s.m.; comércio por atacado de máquinas, aparelhos e equipamentos, inclusive TI e comunicação, com diminuição de 4,7 s.m. para 4,1 s.m.; e representantes e agentes do comércio, com queda de 1,5 s.m. para 1,2 s.m..

O segmento varejista, cuja remuneração média é tradicionalmente mais baixa, permaneceu estável, pagando cerca de 1,6 s.m., ante uma remuneração de 1,5 s.m. em 2009. Isso ocorreu mesmo diante da expansão do porte dessas empresas no período analisado. Vale destacar que os salários nesse mercado são determinados tanto por componentes fixos quanto variáveis (comissões sobre as vendas, por exemplo), e são negociados por convenções coletivas de trabalho estabelecidas junto às entidades dos empregados no comércio, o que explica a relativa similaridade entre os seus componentes.

⁴ Contemplam as demais atividades classificadas no comércio por atacado, não especificadas anteriormente.

Principais indicadores de emprego das empresas comerciais, segundo as divisões do comércio



Comércio por atacado



Comércio varejista



Comércio de veículos e peças

Ano	Comércio por atacado	Comércio varejista	Comércio de veículos e peças
2018	8 Média de pessoas ocupadas	7 Média de pessoas ocupadas	6 Média de pessoas ocupadas
	2,8 Salário médio mensal (salários mínimos) (1)	1,6 Salário médio mensal (salários mínimos) (1)	2,0 Salário médio mensal (salários mínimos) (1)
2009	9 Média de pessoas ocupadas	6 Média de pessoas ocupadas	6 Média de pessoas ocupadas
	2,9 Salário médio mensal (salários mínimos) (1)	1,5 Salário médio mensal (salários mínimos) (1)	2,1 Salário médio mensal (salários mínimos) (1)

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Comércio 2009/2018.

(1) Valores calculados pela divisão dos salários, retiradas e outras remunerações pelo salário mínimo anual, cujo cálculo inclui o 13º salário, e, em seguida, pelo total de pessoal ocupado nas empresas. O cálculo do salário mínimo anual resultou no valor de R\$ 5 990,83, em 2009, e de R\$ 12 402,00, em 2018.

Estrutura das empresas comerciais nas Grandes Regiões e Unidades da Federação

Além da perspectiva nacional, a PAC também permite um olhar sob a ótica regional, baseado na área de atuação das empresas. Na comparação entre 2009 e 2018, a distribuição da representatividade da atividade comercial no território não se alterou, uma vez que todas as Grandes Regiões mantiveram suas posições relativas em relação ao Brasil. Avaliando as principais variáveis regionais da pesquisa, a Região Sudeste foi responsável pela maior parcela da receita bruta de revenda, do número de unidades locais, do pessoal ocupado e dos salários, retiradas e outras remunerações. A Região Sul figurou na segunda posição, seguida pelas Regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte. Salienta-se que há evidência de desconcentração regional da atividade comercial no período, embora sem implicar alternância entre as Regiões, uma vez que a Região Sudeste perdeu participação em quase todas as variáveis analisadas (exceto número de unidades locais), em contrapartida ao ganho nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste na maioria delas.

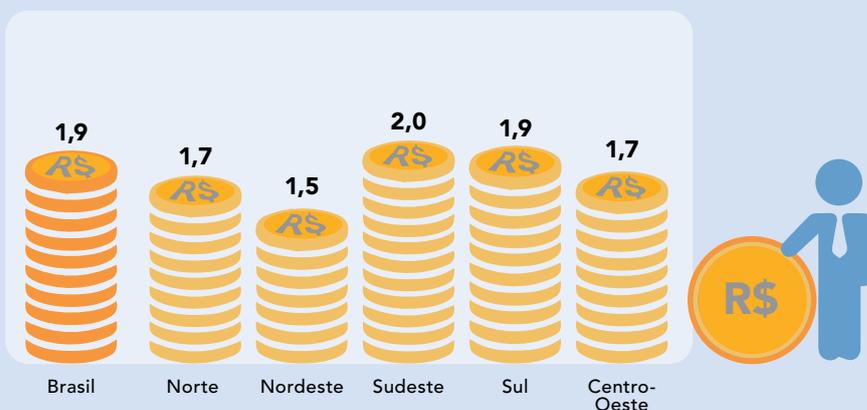
Em 2018, a Região Sudeste gerou 50,3% da receita bruta de revenda e deteve 49,4% das unidades locais do País, contra 52,4% e 48,1%, respectivamente, em 2009. No mesmo período, a participação na receita bruta de revenda da Região Sul passou de 19,9% para 20,7%, apesar da queda em termos do número de unidades locais, de 23,1% para 21,6% do total do Brasil. A Região Centro-Oeste também obteve um crescimento da participação, saltando de 9,0%, em 2009, para 10,0%, em 2018.

De forma similar, a Região Sudeste empregou a maioria do pessoal ocupado no comércio do País em 2018 (51,6% do total), indicando estabilidade nos últimos 10 anos (51,7% em 2009). Na Região Nordeste, ocorreu um aumento da fatia em termos de pessoal ocupado,

que passou de 16,4%, em 2009, para 17,0% em 2018. Em relação aos salários, retiradas e outras remunerações, houve uma redução proporcionalmente maior que o verificado no pessoal ocupado da Região Sudeste (-1,3 p.p.) no período, enquanto as demais Regiões apresentaram crescimento da participação, com destaque para a Região Nordeste, cuja variação foi de 0,6 p.p.

Para complementar o panorama de caracterização regional da atividade comercial, um ponto relevante a ser destacado são as diferenças de salário médio entre as Grandes Regiões brasileiras. As Regiões Sul e Sudeste apresentaram salários médios mensais, mensurados em salários mínimos, acima da média do Brasil, com 1,9 s.m. e 2,0 s.m., respectivamente. As demais Regiões, Norte (1,7 s.m.), Nordeste (1,5 s.m.) e Centro-Oeste (1,7 s.m.), pagaram salários inferiores à média do País.

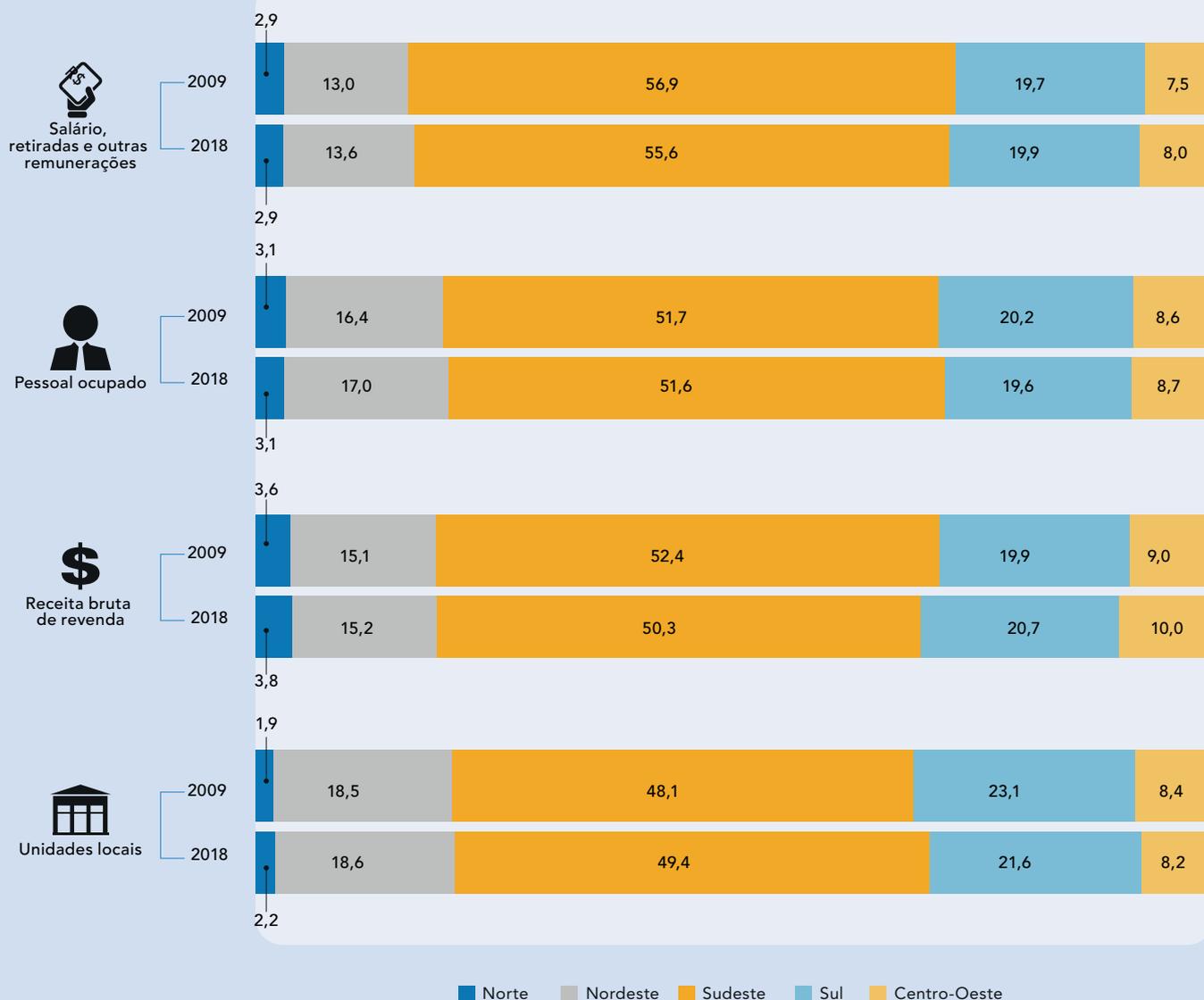
Salário médio mensal das empresas comerciais (salários mínimos)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Comércio 2018.

Nota: O salário médio mensal foi calculado pela divisão dos salários, retiradas e outras remunerações pelo salário mínimo anual, cujo cálculo inclui o 13º salário, e em seguida pelo total do pessoal ocupado nas empresas. O cálculo do salário mínimo anual resultou no valor de R\$ 12 402,00, em 2018.

Participação das variáveis selecionadas, segundo as Grandes Regiões



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Comércio 2009/2018.

Do ponto de vista da distribuição da receita bruta de revenda das empresas comerciais, a análise pode ser detalhada no nível mais desagregado das Unidades da Federação. Sob essa ótica, revelou-se que a Região Sudeste apresentou uma grande concentração da atividade comercial em São Paulo, que respondeu por 61,5% do total dessa variável na Região. O ranking segue, na ordem, com Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Na comparação com 2009, houve ligeira queda de participação do Rio de Janeiro (-0,8 p.p.), ao passo que Minas Gerais foi o Estado que mais avançou (1,1 p.p.).

A Região Sul, por sua vez, caracterizou-se por mais homogeneidade na representatividade do comércio, com maior importância

do Paraná (37,7%) e Rio Grande do Sul (34,5%), seguidos, um pouco mais distante, por Santa Catarina (27,8%). O principal destaque foi o avanço de Santa Catarina de 2,8 p.p. no período, enquanto os demais Estados perderam participação: Rio Grande do Sul e Paraná recuaram 2,6 p.p. e 0,2 p.p., respectivamente.

Nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, observa-se grande concentração em algumas Unidades da Federação. No caso da Região Norte, os Estados do Amazonas e Pará foram responsáveis, conjuntamente, por 63,3% da receita bruta de revenda da Região em 2018, embora Amazonas tenha perdido 7,4 p.p. de participação regional na comparação com 2009, em contraposição ao ganho do Pará (2,7 p.p.). O principal destaque foi a ampliação de importância

do Tocantins (6,7 p.p.), que se vale da localização estratégica para se consolidar como um importante corredor logístico na Região.

De forma similar, na Região Nordeste, 63,7% da receita bruta de revenda, em 2018, estava concentrada nos Estados da Bahia, Pernambuco e Ceará, por ordem no ranking regional. Essa concentração aumentou ligeiramente na comparação com 2009 (63,3%), com Pernambuco ampliando sua importância em 0,9

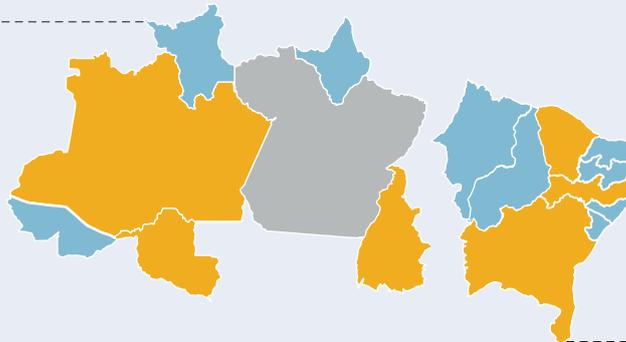
p.p., Bahia se mantendo estável, enquanto Ceará perdeu relevância (-0,5 p.p.).

Finalmente, na Região Centro-Oeste, os Estados de Goiás e Mato Grosso responderam por 33,8% e 31,7% da receita bruta de revenda, respectivamente, em 2018. Vale destacar que, nos últimos 10 anos, Mato Grosso aumentou sua relevância em 7,5 p.p., enquanto o Distrito Federal perdeu 5,8 p.p. no total da Região. ■

Participação da receita bruta de revenda das Unidades da Federação nas Grandes Regiões

Norte

Rondônia	12,0%
Acre	4,3%
Amazonas	26,3%
Roraima	3,9%
Pará	37,0%
Amapá	4,6%
Tocantins	11,9%



Nordeste

Maranhão	9,6%
Piauí	5,2%
Ceará	15,0%
Rio Grande do Norte	6,3%
Paraíba	7,2%
Pernambuco	19,4%
Alagoas	4,4%
Sergipe	3,6%
Bahia	29,3%

Centro-Oeste

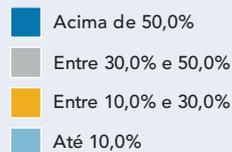
Mato Grosso do Sul	16,6%
Mato Grosso	31,7%
Goiás	33,8%
Distrito Federal	17,9%

Sudeste

Minas Gerais	18,7%
Espírito Santo	5,4%
Rio de Janeiro	14,4%
São Paulo	61,5%

Sul

Paraná	37,7%
Santa Catarina	27,8%
Rio Grande do Sul	34,5%



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Comércio 2018.

Expediente

Elaboração do texto

Diretoria de Pesquisas,
Coordenação de Serviços e
Comércio

Normalização textual

Centro de Documentação e
Disseminação de Informações,
Gerência de Documentação

Projeto gráfico

Centro de Documentação e
Disseminação de Informações,
Gerência de Editoração

Imagens fotográficas

Pixabay

Impressão

Centro de Documentação e
Disseminação de Informações,
Gráfica Digital

Se o assunto é Brasil,
procure o IBGE.



/ibgecomunica



/ibgeoficial



/ibgeoficial



/ibgeoficial

www.ibge.gov.br 0800 721 8181



(21) 97385-8655



IBGE

Links



Tabelas de resultados, notas técnicas e demais informações sobre a pesquisa/estudo

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/comercio/9075-pesquisa-anual-de-comercio.html>